

Reuters/Folhapress

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



González contesta a manutenção de Delcy no poder

Edmundo González pede novas eleições na Venezuela

Edmundo González Urrutia, considerado pela oposição como o presidente eleito da Venezuela nas eleições de 2024, nas quais Nicolás Maduro foi declarado vencedor, afirmou neste sábado (30) querer a realização de novas eleições para alcançar uma “democracia real” no país. O ex-diplomata de 76 anos expressou, de seu exílio na Espanha, apoio à líder opositora e vencedora do Prêmio Nobel da Paz María Corina Machado, que reivindica uma nova votação.

“Há poucos dias, no Panamá, María Corina Machado e as forças democráticas da Venezuela se reuniram com um único propósito: a liberdade da Venezuela. Estamos juntos, unidos no mesmo roteiro em direção ao mesmo destino”, disse González nas redes sociais.

María Corina Machado apoia

María Corina manifestou na quinta sua “determinação” em negociar uma transição democrática com a administração interina encarregada da Venezuela pós-Maduro para alcançar “uma eleição presidencial livre, transparente e soberana”, segundo uma carta assinada por ela ao término de um encontro com dirigentes opositores no Panamá. González foi candidato no lugar de María Corina nas eleições de 28 de julho de 2024, nas quais estava legalmente inabilitada.

Reuters/Folhapress



María Corina Machado foi impedida de concorrer em 2024

Denúncia de fraude na eleição

A oposição denuncia fraude nas eleições que deram a vitória a Maduro para um terceiro mandato e reivindica a vitória de González, que se exilou na Espanha em setembro de 2024 após a emissão de uma ordem de prisão contra ele.

“O mandato de 28 de julho é da Venezuela. Eu sou seu guardião, não seu dono, e, como guardião, meu compromisso é fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que esse mandato se transforme em liberdade real, em democracia real”, afirmou o opositor.

“Honrar a vontade de todo um povo”

Maduro foi proclamado vencedor sem que o órgão eleitoral publicasse em seu site oficial as atas com a apuração detalhada dos votos, sob a afirmação de que seus sistemas haviam sido alvo de um ataque hacker. “Reconhecer a necessidade de um processo eleitoral presidencial, para mim, é honrar a vontade de todo um povo que quer liberdade”, declarou González.

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

Ataque de drones

A empresa estatal russa de energia nuclear, Rosatom, afirmou neste sábado (30) que um drone da Ucrânia atingiu a usina nuclear de Zaporíjia, controlada pela Rússia e a maior da Europa. O ataque não causou danos a equipamentos essenciais, mas abriu um buraco na parede da sala de turbinas.

Alexei Likhachev

“Um drone de combate kamikaze ucraniano atingiu o prédio da sala de turbinas da Unidade de Energia nº 6, resultando em uma detonação subsequente”, disse o presidente da Rosatom, Alexei Likhachev. “A explosão não causou danos aos equipamentos principais; no entanto, abriu um buraco na parede da sala de turbinas”.

Acusações

Likhachev classificou o incidente de “deliberado”. As Forças Armadas da Ucrânia negaram as acusações russas, afirmando serem “mais uma manobra de propaganda”.

“Na seção relevante da linha de frente, não houve combates ativos durante o incidente, e nenhuma arma foi utilizada.”, declarou o Exército.

Preocupação

“Os militares ucranianos agem estritamente dentro dos limites do direito internacional humanitário e estão plenamente cientes das consequências de quaisquer ações contra instalações nucleares”.

A Agência Internacional de Energia Atômica informou que foi notificada do ocorrido e manifestou preocupação.

Linha de frente

O diretor-geral do órgão, Rafael Grossi, expressou preocupação e disse: “Atacar instalações nucleares é como brincar com fogo”. A equipe da agência na usina solicitou acesso para examinar pessoalmente o prédio afetado, informou a AIEA. A usina de Zaporíjia foi capturada pela Rússia em março de 2022 e está na linha de frente.

Além das fronteiras

A instalação tem sido alvo de ataques ocasionais durante os quatro anos de guerra. “Estamos um passo mais perto de um incidente que muito provavelmente afetará até mesmo aqueles que vivem muito além das fronteiras da Rússia e da Ucrânia e ainda pensam que estão completamente seguros”, disse Likhachev.



Teerã exige liberação de US\$ 12 bilhões em recursos congelados

Irã pode aceitar renunciar às armas nucleares

Donald Trump afirmou que o Irã aceitou os termos; Já o Irã nega

O presidente americano, Donald Trump, afirmou ter obtido garantias do Irã de que não desenvolverá armas nucleares, depois que veículos de imprensa dos Estados Unidos informaram que ele havia endurecido sua proposta de paz com a república islâmica.

Qualquer mudança na proposta poderia adiar ainda mais um acordo para pôr fim à guerra no Oriente Médio e reabrir o tráfego marítimo pelo estreito de Hormuz, após semanas de negociações realizadas em meio a uma retórica incendiária e ataques ocasionais.

O New York Times e o Axios informaram neste sábado (30) que Trump havia enviado ao Irã um novo marco de discussões com condições mais rígidas, embora inicialmente não tenha ficado claro seu conteúdo.

Trump afirmou que suas prioridades para qualquer acordo incluem que o Irã se comprometa a não desenvolver armas nucleares e a reabertura do estreito de Hormuz, por onde transitava aproximadamente 20% do suprimento mundial de petróleo antes da guerra.

O conflito começou quando Estados Unidos e Israel lançaram ataques contra o Irã no dia 28 de fevereiro.

“A garantia que preciso ter é que não haverá uma arma nuclear. Eles aceitaram isso e é muito interessante”, declarou para Lara Trump, sua nora, em uma entrevista transmitida pela Fox News na noite de sábado.

Mas Teerã colocou previamente em dúvida as afirmações de Trump, e as partes pareciam distantes em suas prioridades.

O principal negociador do Irã, o presidente do parlamento Mohammad Baqer Qalibaf, disse neste domingo (31) à mídia estatal que não aceitará nenhum acordo que encerre seu conflito com os EUA a menos que haja certeza de que os direitos do povo iraniano estejam garantidos.

“Não há confiança nas palavras e promessas do inimigo. Nosso único critério é alcançar resultados tangíveis antes de cumprirmos nossos compromissos em troca”, acrescentou ele após tomar posse como presidente reeleito do Parlamento junto com sua mesa diretora.

O Irã insistiu que necessita da liberação de US\$ 12 bilhões em recursos congelados antes de avançar em conversas de fundo sobre temas como o programa nuclear.

Também garantiu que não tem fundamento os comentários de Trump de que seu urânio enriquecido (um precursor das armas nucleares) foi destruído, segundo a imprensa iraniana.

Teerã também reivindica que o Líbano seja incluído em qualquer acordo para terminar a guerra, depois que Beirute acusou Israel de aplicar uma “política de terra arrasada”, por seus ataques contra o território libanês no conflito com o Hezbollah.

Folhapress